

RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO BRASIL NO CONTEXTO SUL AMERICANO

EXTENSIVAS À AMÉRICA LATINA

Por *Rui Tavares Maluf**

SUMÁRIO

Apresentação

Introdução

O quadro atual

Regimes políticos e relações externas

Comércio exterior: indicador das relações internacionais

Exportações

Exportações para América Central e Caribe

Exportações para o México

Importações

Importações da América Central e Caribe

Importações provenientes do México

Estudos sobre países da América do Sul

Referências bibliográficas e fontes de consultas

Apresentação

O documento ora disponibilizado é mais um conteúdo da disciplina de Formação e Desenvolvimento Político do Brasil para a turma do 7º semestre do curso de Sociologia e Política da Fundação Escola de Sociologia e Política do Brasil (FESPSP), elaborado especialmente para os alunos do autor de forma a conferir-lhes suporte às aulas, sem prejuízo da utilização da bibliografia prevista para o curso. A ideia do presente escrito como dos demais produzidos pelo autor é de que possa ser consultado por qualquer um, mesmo de fora da instituição devido à localização em sítio eletrônico pessoal, solicitando, todavia, que o mesmo tenha a fonte citada em caso de utilização em trabalho de terceiros.

Introdução

Só mais recentemente na história do Brasil independente, é possível afirmar que o Brasil passou a conhecer e a se relacionar mais estreitamente com os países da América do Sul, sendo a recíproca verdadeira, a despeito de sua área geográfica do Brasil ocupar 47,78% da América do

Sul desde que todos os países e regiões tiveram reconhecido seus territórios atuais¹, e de fazer fronteira física com quase todos os países e o departamento da Guiana Francesa, exceção a Chile e Equador, bem como sua população representar 49,67% do total continental. Interessante fazer tal registro por não terem faltado problemas e desafios para o Brasil e entre vários dos outros do continente desde a independência de cada um de suas respectivas metrópoles (a maioria tendo ocorrido na primeira metade do século XIX e uma minoria na segunda metade do século XX). De certa forma, problemas significam relações oficiais ou não, mas parece seguro que relações exteriores de dois ou mais governos tendem a elevar o padrão do relacionamento e, quase invariavelmente, significam ao menos exportações e importações de mercadorias e serviços. Melhor ainda quando estas relações vão bem além destes itens econômicos e alcançam outros campos, tais como ciência e cultura. Um dos pressupostos para a ocorrência de relacionamento é obviamente a existência de problemas objetivos que se apresentam e, igualmente o conhecimento que se dispõe sobre os outros. Assim, o objetivo do presente artigo é duplo, ou seja, explorar um pouco os estudos do Brasil em política nacional dos países sul americanos, bem como o relacionamento entre seus membros considerando os ambientes político-institucionais nos quais tal relacionamento se deu.

O quadro atual

É fato notório que o Brasil procurou redirecionar drasticamente sua política internacional com a eleição de Jair Messias Bolsonaro para a presidência da República e a consequente nomeação do diplomata Ernesto Araújo para o cargo de ministro das Relações Exteriores conferindo-lhe caráter nitidamente ideológico. No plano mais de fundo o governo brasileiro busca um declarado alinhamento aos Estados Unidos da América (EUA), particularmente ao governo da ora, liderado por Donald Trump, e consequente rejeição à China por ser esta baseada em um regime político autoproclamado comunista, apesar de a condução política feita pelo ministério se chocar com as pastas econômicas do mesmo governo, as quais tem o país asiático como parceiro da maior importância no comércio exterior e também em investimentos. No âmbito da América do Sul, o presente governo procura explicitamente se distanciar da Argentina, especialmente a partir da eleição em 2019 de um presidente egresso do *peronismo-kirchnerista* e revisar o *Mercosul*² ao qual o mandatário brasileiro fez questão de se opor ainda durante a campanha do país vizinho e decidir não comparecer à sua posse. E ainda tornar mais severa a condenação ao regime autoritário da Venezuela, mesmo que o governo do ex-presidente Michel Temer já o fizesse tanto no âmbito da relação bilateral quanto no Mercosul e ainda no fórum da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Mas nem sempre as preferências do governo se materializam no curso das relações externas, por mais insistentes e estridentes que possam ser os movimentos e as palavras usadas pelo presidente da República e pelo chanceler, seja por haver divisão interna no próprio alto escalão do governo e igualmente de setores econômicos relevantes nacionais. Interessante, neste sentido, observar o portal eletrônico da chancelaria brasileira, a qual passou por modificações na

¹ - Alguns pequenos litígios ainda permanecem, como os relacionados à região de Essequibo na Guiana, cujo território é em grande parte reclamado pela Venezuela. Difícilmente esse e outros conflitos serão alterados mediante arbitramento internacional uma vez que decisões preliminares parecem ter sido bem claras.

² - É fato que o Mercosul, integrado em sua situação plena por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, já era objeto de questionamento havia muito tempo e, de certa forma, também já vinha sendo repensado no governo do ex-presidente Temer. De qualquer forma, com a conclusão das negociações em busca de acordo comercial com a União Européia as quais tiveram início há duas décadas, o próprio governo Bolsonaro, que tanto desprezara em sua campanha eleitoral a ênfase em tal relacionamento, comemorou o sucesso da conclusão favorável, fato este que desacelerou o choque com tal bloco.

presente gestão, e deu destaque de informações gerais e específicas às relações bilaterais do Brasil nas Américas como que para desmentir que a política exterior perca de vista leque mais amplo de interesses e que os países do continente e da América Latina sejam esquecidos.

Regimes políticos e relações externas

De forma geral, países com o porte do Brasil e dos demais países da América do Sul, ainda que haja variações muito significativas entre esses, se pautam por razoável dose de objetividade e pragmatismo e menos ou nada por preferências políticas e ideológicas. Isto já ocorria no Brasil em parte do regime autoritário militar quando o mundo ainda operava sob o manto da *Guerra Fria*. Por outro lado, em quase todos os países do continente e de fora, a palavra democracia está regularmente no discurso de seus governantes, mesmo que muitos regimes pelo mundo afora, e também na América do Sul, sejam autoritários ou até totalitários. Destaco este possível paradoxo uma vez que em qualquer processo de conhecimento e análise das relações internacionais não é possível simplesmente ignorar os regimes existentes como forma de conhecer e entender as eventuais diferenças entre o que se pode chamar de *políticas circunstanciais de governos da ora* e *políticas de estado*. Ainda que se enfatize em vasto campo da teoria das relações internacionais que o *realismo* orienta as ações dos governos na política externa, e por este se entende quase invariavelmente política de estado. Até certo ponto, é possível desalinhar regime político dos países de sua política exterior e também das relações econômicas com o exterior.

Ora, o continente sul americano como também o centro-americano viveram larga parte reunindo países que viviam sob regimes autoritários ou mais duradouros ou menos, valendo o mesmo para os democráticos, embora para a maioria destas nações, a tensão predominava mesmo em períodos democráticos nos quais há a vigência do estado de direito. A explicação comumente oferecida por diversos analistas para a existência de tantas interrupções dos regimes democráticos é que as duas américas seriam o quintal dos EUA durante a *Guerra Fria*, e antes disso área de interesse dos imperialismos britânico, francês, alemão, e também dos EUA.

Com o final da Guerra Fria e quase concomitantemente (mas um pouco antes) da democratização ou redemocratização de vários regimes políticos, as relações internacionais bilaterais e regionais tiveram incremento. A despeito de como estas se deram na fase em que o autoritarismo prevaleceu, já havia em vários países interesses que precisavam ser atendidos por políticas de cooperação entre outras, tais como migrações internas, tráfico de drogas crescente, bem como oportunidades de negócios.

Comércio exterior: indicador das relações internacionais

É difícil encontrar um exemplo qualquer no mundo contemporâneo de países que possuam bom relacionamento diplomático entre si sem que apresentem ao menos razoável *corrente de comércio*³ mútuo. Mas o inverso não é verdadeiro. É comum países com relacionamentos diplomático e político sofríveis, mas que ainda assim realizam comércio, à exceção de quando um país sofre embargo diplomático ou há efetivo rompimento de relações. Com isso quero afirmar que esta vertente da atividade econômica é um dos elementos mais importantes da vida das sociedades, ou o próprio desdobramento do comércio nacional. Não há como pensar em

³ - Corrente de comércio é a denominação que se dá para a soma das exportações mais as importações. É indicador mais robusto para compreensão de comércio em médio e longo espaço de tempo. Já o saldo da balança é exatamente o contrário, ou seja, a diferença entre exportações e importações, sendo mais indicado para a análise de curto e médio prazos.

sociedades complexas sem comércio. Vale, portanto, verificar tanto as exportações quanto as importações do Brasil considerando os principais países e recorrendo à comparação de dados sobre os valores transacionados do primeiro trimestre de 2020 com igual período de 2019.

Exportações

Acompanhe a tabela na página seguinte extraída da Secretaria de Comércio Exterior do Brasil do Ministério da Economia.

<i>Exportações brasileiras nos primeiros trimestres de 2020 e de 2019 para os principais países, em dólares, segundo a participação percentual de cada um no total para os mesmos períodos, e ainda a variação percentual nas vendas no primeiro trimestre dos dois anos</i>					
DESCRIÇÃO	2020	2019	% DO TOTAL (2020)	% DO TOTAL (2019)	VAR.% 2020/2019
TOTAL GERAL	49.520.652.149	51.167.980.496	-	-	-3,22
TOTAL DOS PRINCIPAIS PAÍSES	42.015.417.750	42.032.153.291	84,84	82,15	-0,04
China	14.159.776.056	13.189.089.210	28,59	25,78	7,36
Estados Unidos	5.246.924.400	6.502.466.793	10,60	12,71	-19,31
Argentina	2.166.604.946	2.326.995.327	4,38	4,55	-6,89
Países Baixos (Holanda)	2.094.863.616	1.930.823.748	4,23	3,77	8,50
Cingapura	1.606.839.264	450.398.099	3,24	0,88	256,76
Alemanha	972.338.945	1.363.582.521	1,96	2,66	-28,69
México	956.422.835	1.033.260.179	1,93	2,02	-7,44
Espanha	949.119.020	931.124.390	1,92	1,82	1,93
Canadá	943.284.572	819.732.200	1,90	1,60	15,07
Japão	933.721.419	1.112.808.796	1,89	2,17	-16,09
Chile	928.189.019	1.136.153.400	1,87	2,22	-18,30
Índia	914.783.807	895.011.978	1,85	1,75	2,21
Coreia do Sul	843.630.804	705.310.551	1,70	1,38	19,61
Itália	757.461.262	990.235.593	1,53	1,94	-23,51
Malásia	707.387.362	614.961.038	1,43	1,20	15,03
Bélgica	624.741.269	724.116.947	1,26	1,42	-13,72
Colômbia	604.277.933	727.563.281	1,22	1,42	-16,94
Hong Kong	581.763.464	564.104.832	1,17	1,10	3,13
Turquia	578.114.211	544.968.071	1,17	1,07	6,08
Reino Unido	572.777.404	854.408.814	1,16	1,67	-32,96
Portugal	552.533.288	250.637.070	1,12	0,49	120,45
França	544.941.115	574.685.839	1,10	1,12	-5,18
Paraguai	505.946.224	557.617.463	1,02	1,09	-9,27
Uruguai	502.275.074	690.313.982	1,01	1,35	-27,24
Indonésia	482.533.808	441.073.281	0,97	0,86	9,40
Bangladesh	482.017.235	332.324.764	0,97	0,65	45,04
Arábia Saudita	474.771.294	475.724.676	0,96	0,93	-0,20

Peru	473.816.930	480.905.608	0,96	0,94	-1,47
Emirados Árabes Unidos	427.917.231	512.770.957	0,86	1,00	-16,55
Tailândia	425.643.943	298.983.883	0,86	0,58	42,36
DEMAIS PAÍSES	7.505.234.399	9.135.827.205	15,16	17,85	-17,85

Fonte: secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia do Brasil, dados acessados em maio de 2020 e adequados pelo autor para efeito de mais fácil visualização; Valores monetários em dólar FOB, internacionalmente utilizado

Conjunto de **29** países compõe o que a *secretaria de Comércio Exterior* do Brasil define como principais destinos das exportações brasileiras em valores, seis (**6**) dos quais são países da América do Sul. Fácil constatar certo eufemismo em mencionar principais países uma vez que a *República Popular da China* é quase de forma isolada o principal destino das exportações brasileiras. No primeiro trimestre de 2020, já sob o efeito da epidemia-pandemia da COVID-19, a China representou 28,59% das exportações brasileiras, sendo que os valores aumentaram em mais de 7% em relação ao primeiro trimestre de 2019. Ou seja, o aumento no peso das exportações não se explica somente pela redução das exportações para outros países, mas também pelo real aumento nos valores de 2020. Os EUA, segundo maior destino, representaram no primeiro trimestre corrente menos da metade da China, isto é, 10,60% e apresentando queda nos valores adquiridos em relação a igual período do ano passado e variação negativa pouco menor que 20%. Não fosse a China e também Cingapura (com espetacular aumento de 256,76% de aumento⁴) o Brasil amargaria queda muito expressiva nos valores percebidos pelas exportações.

Dentre os países sul-americanos, seis (6) deles integram o rol dos principais, sendo como sempre a Argentina a que se situa bem à dianteira. E por vários anos no comércio exterior o país platino se situou na condição de terceiro ou segundo principal parceiro do Brasil. No entanto, ser o terceiro colocado representou 4,38% do total das exportações no primeiro trimestre do ano corrente contra pouco mais, 4,55% de igual período do ano passado. Mas a soma com as realizadas para os demais cinco (5) sul americanos não iguala as exportações do Brasil para os EUA nos primeiros trimestres de 2020 e 2019 ficando em 10,46% e 11,57% respectivamente.

Até que ponto melhora a participação do conjunto dos países da América do Sul no destino das exportações brasileiras com a inclusão dos que ficaram de fora da tabela dos principais? O incremento das exportações nos dois períodos de tempo eleva o montante dos valores transacionados para o segundo lugar ultrapassando ligeiramente as exportações para os EUA, e a queda da participação percentual é de 11,44% em relação ao primeiro trimestre de 2019.

Exportações para América Central e Caribe

Dirigindo agora a atenção para os países e territórios da América Central e do Caribe nenhum isoladamente se constituiu em destino expressivo das exportações brasileiras, sendo que o melhor destes é o Panamá para o qual se vendeu um montante de US\$ 124.136.891 no primeiro trimestre de 2020 situando-se na 49ª posição. Porém, a queda nas vendas para o país centro-americano foi muito grande em relação a igual período de 2019 (91,29%). Neste mesmo período do ano passado as vendas o colocaram na 6ª posição, atrás apenas de China, EUA, Argentina, e Países Baixos (Holanda). No entanto, somando-se o valor vendido para 26 países e territórios da América Central e Caribe o total situa no corrente ano em 15º nas vendas com queda significativa dentre os que são os mais importantes da região, mas com incrementos importantes, mas de baixo valor para os de menor relevância na comparação com 2019. De qualquer maneira. De qualquer maneira, a participação da região é pequena no total das transações (1,44% agora contra 3,93% no primeiro trimestre de 2019).

⁴ - É espetacular, mas as exportações em igual período do ano passado eram modestas situando a cidade-estado na 28ª colocação no ranking das principais exportações.

Se o valor e o peso do comércio exterior são passíveis de alteração a cada período de tempo e parte desta variação cabe a decisões político-legislativas (e também diplomáticas), isto não tem a capacidade de produzir variações substantivas em prazo curto de tempo por simples ato de vontade de um governo.

Exportações para o México

Situado na América do Norte e integrando o vasto campo da chamada América Latina, o México é o 7º principal destino das vendas brasileiras pelo valor transacionado, apresentando variação negativa importante em relação ao primeiro trimestre de 2019 (7,44%). Tanto na posição quanto no valor vendido, o México fica logo atrás da poderosa Alemanha. Ironicamente, esta queda aumentou a participação percentual mexicana em 2020, pois a queda nas vendas para países mais importantes como Chile (18,30%) e Japão (16,09%) foram de valor mais alto.

Importações

Se nos detemos nas importações do Brasil no mesmo período o valor global cai em relação ao das exportações, bem como o da maioria dos países, muito provavelmente já pelo efeito da pandemia do COVID-19. Tanto é assim, que as importações provenientes da República Popular da China apresentaram decréscimo em relação a igual período do ano passado de 3,92% ainda que o país continue à frente na ordem de importância dos parceiros comerciais do Brasil. Já as importações dos EUA apresentaram forte aumento (22,33%), e também de cinco (5) países da América do Sul, sendo que três (3) desses não integram o grupo dos principais, a saber: Bolívia⁵, Colômbia, Paraguai, Equador e Guiana.

⁵ - Mesmo não integrando a tabela dos principais parceiros, neste primeiro trimestre de 2019 as importações da Bolívia (US\$ 388.535.118) a colocam pelos valores transacionados muito à frente de alguns dos que historicamente se encontram à sua frente.

Importações do Brasil segundo os principais países, por dólares nos primeiros trimestres de 2020 e de 2019, considerando a participação percentual de cada um no total importado e a variação percentual do primeiro trimestre de 2020 em relação a igual período de 2019

TOTAL	PRIMEIRO TRI -2020	PRIMEIRO TRI - 2019	PAR-20	PAR-19	VAR-%
Total Geral	43.958.481.186	42.142.591.600	100	100	0
China	9.827.802.869	10.228.252.333	22,36	24,27	-3,92
Estados Unidos	7.974.483.188	6.524.180.770	18,14	15,48	22,23
Argentina	2.236.086.380	2.675.849.517	5,09	6,35	-16,43
Países Baixos (Holanda)	365.907.385	484.426.246	0,83	1,15	-24,47
Cingapura	138.633.236	165.547.613	0,32	0,39	-16,26
Alemanha	2.517.021.450	2.443.301.943	5,73	5,80	3,02
México	875.439.736	995.680.597	1,99	2,36	-12,08
Espanha	660.365.752	633.959.438	1,50	1,50	4,17
Canadá	397.557.621	432.658.343	0,90	1,03	-8,11
Japão	1.149.102.248	986.329.917	2,61	2,34	16,50
Chile	786.618.055	818.404.242	1,79	1,94	-3,88
Índia	1.129.571.000	1.026.321.189	2,57	2,44	10,06
Coreia do Sul	962.121.221	1.146.653.674	2,19	2,72	-16,09
Itália	913.799.106	960.120.784	2,08	2,28	-4,82
Malásia	264.201.418	348.634.911	0,60	0,83	-24,22
Bélgica	326.141.066	366.206.877	0,74	0,87	-10,94
Colômbia	363.875.842	356.130.977	0,83	0,85	2,17
Hong Kong	203.234.003	152.807.424	0,46	0,36	33,00
Turquia	142.563.882	142.727.555	0,32	0,34	-0,11
Reino Unido	680.443.737	497.365.513	1,55	1,18	36,81
Portugal	200.350.671	224.236.780	0,46	0,53	-10,65
França	795.817.543	764.027.964	1,81	1,81	4,16
Paraguai	342.171.423	268.646.793	0,78	0,64	27,37
Uruguai	254.365.379	266.883.081	0,58	0,63	-4,69
Indonésia	320.699.375	310.609.692	0,73	0,74	3,25
Bangladesh	50.122.336	55.679.538	0,11	0,13	-9,98
Arábia Saudita	443.705.857	589.783.385	1,01	1,40	-24,77
Peru	219.196.145	392.658.244	0,50	0,93	-44,18
Emirados Árabes Unidos	105.514.166	114.606.306	0,24	0,27	-7,93
Tailândia	363.452.819	376.170.806	0,83	0,89	-3,38

Importações da América Central e Caribe

As importações feitas pelo Brasil de cada país, território e possessões da América Central e Caribe, e também de seus dados agrupados, são de valores muito mais baixos do que as exportações. E caíram nada menos que 6,03% no primeiro trimestre de 2020, reduzindo a participação percentual no total das importações brasileiras para inexpressivos 0,45% quando no primeiro trimestre de 2019 representavam 0,50%. O melhor desempenho fica para o estado associado aos EUA, Porto Rico, alcançando a 51ª posição, remontando as compras ao valor de US\$ 92,7 milhões no corrente ano contra US\$ 97,9 milhões em 2019. É sugestivo que uma ilha

no Caribe e não estado nacional seja a unidade que mais forneceu ao Brasil na referida região, fato que já é indicador de quão modestas são tais aquisições.

Para o que se propõe o presente documento, tais dados do comércio exterior já ilustram de forma razoável parte importante da relação entre as nações. Para estudo mais aprofundado seria necessário, no mínimo levar em conta o tamanho populacional dos países, as bases econômicas de cada um, a composição deste comércio por suas mercadorias, o PIB total e per capita, estes últimos em séries históricas para se compreender tanto aspectos estruturais quanto conjunturais, os últimos relacionados à combinação a oportunidades de negócios e decisões diplomáticas e político-legislativas.

Importações provenientes do México

Quanto as importações brasileiras provenientes do México, embora também sejam relevantes quanto as exportações, situaram o país da América do Norte como 10º principal fornecedor no primeiro trimestre de 2020 quando havia sido o 8º em igual período de 2019. A posição mudou para pior tanto pela situação menos desconfortável de outros fornecedores que aumentaram suas vendas de mercadoria para o Brasil, ainda que modestas, como a Índia (10,6%) e a Alemanha (3,02%). Devido à complexidade da economia mexicana, é de se perguntar se a corrente de comércio entre Brasil e México não poderiam ser bem melhores do que são, conquanto o México integre bloco comum com EUA e Canadá.

Estudos sobre países da América do Sul

Este autor reconhece aumento expressivo em estudos brasileiros sobre os países da América do Sul nas últimas duas décadas, os quais compreendem áreas da ciência política (em menor medida), da história, econômica e relações internacionais. Mas tem alguma segurança para afirmar que a produção é modesta quando se refere aos países menores e de fora do Mercosul, particularmente Equador, Guiana, Suriname e o território ultramarino da Guiana Francesa. Se não fosse por outros motivos a justificar o adensamento das investigações, basta dizer que o tamanho do Brasil e o fato de integrarem o mesmo continente já seriam suficientes. Soma-se o fato que tanto processos migratórios trouxeram para viver no Brasil pessoas que são de origem de todos os países sul-americanos, sendo a recíproca parcialmente verdadeira, quanto o fato de Brasil ter expandido negócios para todos estes lugares, e, possuir fronteira física com praticamente todos (exceto Chile e Equador). O campo disciplinar das ciências sociais, e da ciência política particularmente, tem muito a estudar e contribuir para tomadores de decisões, especialmente quando se leva em conta que no campo das relações exteriores há cada vez mais protagonismo por parte dos níveis de governo subnacionais.

A Fundação Alexandre Gusmão (FUNAG) é uma instituição de divulgação de produção de assuntos de interesse do campo das relações exteriores e ligada ao Instituto Rio Branco (IRB) do Ministério das Relações Exteriores. Em quatro décadas de existência tem feito notório esforço para ampliar o conhecimento sobre os países da América do Sul, tendo ciência que a despeito de conjunturas políticas específicas em cada país do continente, os tempos exigiam que os homens de governo e, sobretudo da diplomacia, passassem a conhecer bem melhor a vizinhança. No entanto, em seminário organizado no ano de 2012 para se debruçar sobre o continente com o título de *América do Sul e a Integração Regional*, com a participação de diplomatas brasileiros e estrangeiros, bem como de professores do IRI, houve delineamentos muito gerais sobre o assunto e de particular, mesmo, só o que envolve os países da América do Sul. No campo acadêmico estritamente falando, constato ainda que a produção é esparsa e a

respeito de determinados países menores, como Guiana, produzida em universidades dos estados do Norte do País que fazem fronteira com esta nação vizinha.

Referências bibliográficas e fontes de consulta

FAUSTO, Boris e Fernando Devoto. Brasil e Argentina. Um ensaio de história comparada (1850-2002). Editora 34. São Paulo. 1ª edição. 2004.

Collective territoriale de Guyane (CTG) – <http://www.ctguyane.fr>

Institute National de la Statistique et des Études Econoiques (INSEE) – <http://www.insee.fr>

IBGE – <http://www.ibge.gov.br>

Ministério das Relações Exteriores do Brasil – <https://www.mre.gov.br> ;

PIMENTEL, José Vicente de Sá (Org). *A América do Sul e a Integração Regional*. FUNAG. Brasília. 2012.

Secretaria de Comércio Exterior do Brasil – www.mdic.gov.br
